

Correção da ficha de trabalho de grupo 1 de Psicologia B. A Procura da Mente. Problemas e conceitos estruturadores da Psicologia.

1. A psicologia só se afirmou como ciência a partir do momento em que se separou da especulação abstracta e argumentativa da filosofia e começou a adquirir procedimentos experimentais retirados das ciências da natureza, inspirando-se nos modelos da química e da física, como aconteceu inicialmente com Wundt. Mais tarde, com John Watson, a psicologia adotou procedimentos experimentais e abandonou por completo a auto-análise ou investigação introspectiva que ainda a ligava à filosofia. A reflexão filosófica especulativa não tinha métodos científicos, debatia-se com questões de tipo metafísico ou ligadas à reflexão epistemológica, e como tal a psicologia não podia adquirir estatuto de ciência autónoma.

2. A Psicologia é a ciência que investiga o comportamento e os processos mentais, quer dos seres humanos, quer dos animais.

3. O comportamento é exterior e pode ser observado objectivamente pelos outros, enquanto os processos mentais são interiores e só o próprio sujeito os pode observar. O comportamento refere-se a qualquer acto efectuado pelo organismo, que é passível de ser observado e registado. Os processos mentais são experiências internas e subjectivas inferidas a partir dos comportamentos.

4. A Psicologia, como qualquer outra disciplina científica, partilha com as demais ciências os seguintes objectivos gerais: 1 – Descrever comportamentos e processos mentais. 2 – Explicar esses comportamentos e processos. 3 – Prever comportamentos. 4 – Controlar as circunstâncias em que ocorrem os comportamentos.

5. Wundt foi o fundador da Psicologia científica com a criação, em 1879, na cidade de Leipzig, do primeiro laboratório de psicologia experimental do mundo, onde se dedicou a investigar a consciência e os seus fenómenos. Para o efeito, provocava sensações em pessoas, interrogando-as acerca do que sentiam. As pessoas tinham que se auto-analisar e relatar o que se passava com elas, processos que são sempre acompanhados de subjectividade. Para contornar esta limitação do método introspectivo, Wundt só o aplicava em laboratório e em situações que pudessem ser controladas por si próprio.

6. O papel de Wundt foi importante, conseguiu de algum modo acelerar a separação da psicologia relativamente à filosofia, todavia, muitos críticos consideram que foi um passo em falso, uma vez que quer ao nível do objecto de pesquisa (só adultos conscientes treinados), quer ao nível do método (alvo de limitações e críticas severas), a Psicologia científica não se afirmou com Wundt, mas mais tarde, em 1913, com John Watson.

7. O método introspectivo é uma espécie de análise interior, distinguindo-se dela por ser mais rigorosa e ser feita com objectivos científicos. Neste processo introspectivo-experimental tomam parte duas pessoas: o sujeito que se observa a si próprio e descreve o que se passa no interior da sua mente consciente, e o psicólogo, observador experimental, que anota e interpreta os resultados.

8. Wundt é um psicólogo estruturalista porque o seu objectivo é a compreensão da estrutura global da mente. Se decompõe a consciência nos seus elementos mais básicos, as sensações, fá-lo simplesmente por questões de estratégia da investigação. O objectivo de Wundt é explicar a estrutura da vida psicológica centrada na mente consciente. Se pretende descobrir associações entre as sensações, fá-lo para descobrir o funcionamento estrutural da mente.

9. Em relação ao método introspectivo de Wundt podem apresentar-se as seguintes 3 críticas: 1 – É difícil separar o observador do «objecto» observado, pois são um e o mesmo – o observador, de facto, não consegue observar-se a si mesmo de um modo objectivo, pois está implicado no próprio processo de auto-observação. 2 – Quando se descrevem os fenómenos psíquicos, eles já ocorreram. Tem que se recorrer à memória, o que provoca distorções. 3 - A tomada de consciência de um fenómeno altera esse fenómeno. A análise racional de um facto psíquico reduz os seus componentes afectivos. 4 – É impossível observar a consciência de outrem, pelo que é um processo que dificilmente é controlado por outros observadores. 5 – Os sujeitos podem não dispor de linguagem apropriada para transmitir o que se passa no seu interior e, além disso, as pessoas têm linguagens diferentes para descrever o mesmo fenómeno. 6 – Não se aplica a factos de natureza fisiológica. 7 – Não se aplica no âmbito da psicologia infantil, da psicologia patológica, nem da psicologia animal. 8 – Não permite observar o inconsciente.

10. Freud criou uma teoria chamada psicanálise e nesta considera a mente humana semelhante a um iceberg. A parte emersa corresponde ao consciente, composto pelas noções, ideias, lembranças, imagens que a pessoa é capaz de evocar e utilizar no seu quotidiano. A suportar esta parte, existe uma outra, debaixo de água, imersa, que Freud compara ao inconsciente. Este é composto por pulsões, traumas e desejos socialmente inaceitáveis que, aprisionados e recalcados, anseiam manifestar-se, só o podendo fazer sob forma disfarçada. A pressão que exercem sob a dimensão consciente é perturbadora, estando na origem de distúrbios emocionais. Freud valoriza o inconsciente, instância psíquica a que não temos acesso, mas em que residem pulsões básicas, como «eros» e «thanatos», que comandam de um modo sub-reptício toda a nossa vida psicológica. O aparelho psíquico é uma estrutura que se divide em três subestruturas que interactivam umas sobre as outras, mas com papéis específicos: id, ego e superego. O id é constituído por impulsos biológicos como a fome, a sede, e o sexo, que exigem satisfação imediata. Constitui a base da sobrevivência individual e da continuidade da espécie. O superego é formado pela interiorização das regras impostas pelos pais e pela sociedade em geral. O superego tem carácter ideal e é o fundamento da moral. O ego é a instância consciente e tem por função tomar as decisões quanto à resolução do conflito travado entre o id e o superego. Trata-se do elemento racional da personalidade. No centro do nosso psiquismo, trava-se um conflito dinâmico entre duas instâncias da personalidade: o id e o superego. O id é totalmente inconsciente e é a componente básica da personalidade, representando o que há de mais primitivo no homem. Centro da libido, ou energia psíquica instintiva, o id é capaz de suportar tensões, só obedecendo ao princípio do prazer, o que o impulsiona a agir e o faz reduzir de imediato as tensões dolorosas. Com o id rivaliza o superego, que é a instância moral, ou ideal, da personalidade. Formado pela interiorização dos valores sociais e culturais, conflita com os impulsos biológicos, sexuais e agressivos do id. O superego tem ainda por funções pressionar o ego no sentido de substituir os objectivos imorais por morais. O ego é o mediador de ambos. Operando de acordo com o princípio da realidade, o ego tenta moderar o id, e retardar a gratificação imediata que o princípio do prazer exige. Essencialmente consciente, é a instância executiva da personalidade: selecciona as situações a que a pessoa tem de responder, controla a acção, e decide o modo como as necessidades pessoais podem ser satisfeitas.

11. A hipnose foi abandonada por Freud como processo de cura porque era pouco fiável, nem todas as pessoas eram facilmente sugestionáveis, e os resultados da cura eram pouco consistentes, podendo até, em certos casos, agravar a situação de perturbação psicológica do paciente.

12. O método psicanalítico consiste num conjunto de processos, ou de técnicas de análise, que visam trazer à consciência das pessoas os impulsos, os complexos, os traumas, e as frustrações, tudo material recalcado no inconsciente (pois foram eventos causadores de grande ansiedade psíquica) e que lhes provocavam distúrbios psico-emocionais e comportamentais. Entre os processos de libertação do inconsciente, o psicanalista pode recorrer à associação livre de ideias, à análise dos sonhos e ao estudo

da relação de «transferência» (o «transfert», que é bidireccional entre a pessoa do analista e do paciente). Este método assenta no pressuposto de que uma vez que o sujeito tome consciência do que se passa no inconsciente, as pulsões libertam-se, deixando de perturbar a pessoa. Trata-se pois de um método com intencionalidade terapêutica, sem recurso a fármacos químicos, mas onde a palavra, o discurso do analista, assume o papel de «pharmakon», tal como na Grécia Clássica. A análise dos atos falhados é outra dimensão que Freud associou ao estudo das psicopatologias do quotidiano: os lapsos de linguagem, as falhas de memória, representavam uma janela de acesso para o inconsciente das pessoas.

13. A teoria de Freud mostrou que a ideia herdada do pensamento racionalista e do Século das Luzes, de que o ser humano era senhor de si próprio e do mundo natural, não passava de uma crença ilusória. Pelo contrário, o inconsciente domina em grande parte as nossas vidas e as decisões que tomamos, pelo que longe de sermos controlados pela nossa razão e vontade, somos antes afetados por forças ou pulsões inconscientes que nos tornam em seres perturbados, ansiosos, psiquicamente instáveis. Freud colocou na mentalidade comum e nos valores culturais do pensamento europeu ocidental um paradigma mais pessimista da condição humana.

14. A teoria de Pavlov chamava-se reflexologia ou estudo do condicionamento respondente. Tal como os animais, somos capazes de aprender reagindo a estímulos. Assim como um cão no laboratório aprende a associar estímulos inicialmente neutros a respostas inatas ou não condicionadas, adquirindo modos de resposta pelo emparelhamento repetido de estímulos, o mesmo poderia ser aplicado aos seres humanos e às suas aprendizagens comportamentais. Se conhecermos os estímulos, podemos por repetição e condicionamento provocar certas respostas e, ao mesmo tempo, para além de induzi-las, proceder ao seu controlo experimental e prevêê-las como se consegue fazer nos fenómenos causais físicos do mundo natural. Esta ideia simples influenciou o behaviorismo de John Watson, daí o contributo de Pavlov para a Psicologia: o estudo do comportamento animal é útil para melhor entendermos a psicologia humana.

15. A noção de comportamento foi concebida pelo psicólogo norte-americano John Watson e designa o «objecto» de estudo da psicologia científica através de métodos de observação rigorosos e experimentais. O comportamento não é mais do que um conjunto de respostas, ou reacções, que um organismo dá perante uma dada situação ou conjunto de estímulos. Watson defendia que havia uma relação de causa-efeito (causalidade) entre as reacções do sujeito e as situações do meio ambiente. Ao detectar esta relação de causa e efeito entre estímulo-reacção, acreditava Watson, era possível determinar as leis explicativas e formular predições sobre o comportamento.

16. O behaviorismo, ou comportamentalismo, assenta em pressupostos positivistas (só os factos públicos e observáveis podem ser objecto de conhecimento e de verificação experimental) que, basicamente, são os seguintes: 1)- A Psicologia tem que ser objectiva; 2) – Deve estudar o comportamento observável e não a consciência e os seus fenómenos; 3) – O comportamento reduz-se a respostas objectivas a estímulos também objectivos; 4)- Entre situação e reacção existem relações mecânicas que permitem chegar a leis; 5) – As leis permitem prever e controlar os comportamentos; 6) – Não há diferença entre psicologia humana e psicologia animal; 7) – A psicologia deve recorrer à experimentação para efectuar generalizações.

17. Sem dúvida que com John Watson há dois aspectos importantes a destacar para a afirmação da psicologia como ciência: o estudo do comportamento observável (e só este) de modo objetivo, assim como o uso do método experimental e da observação sistemática. Trata-se da definição clara do objeto e do método da psicologia científica que garante a objectividade de uma investigação do comportamento, a separação nítida entre o objeto e o sujeito.

18. O behaviorismo de John Watson é uma explicação demasiado simplista e mecanicista do comportamento humano, reduzindo a psicologia a um estudo da relação entre a situação (os estímulos) e as respostas. De fora ficava o estudo dos processos mentais, uma lacuna que não captava a complexidade dos processos de cognição, aprendizagem, motivação, emoções, decisão, memória, inteligência, pois não eram diretamente observáveis. Mesmo a relação de causa e efeito entre situação e reacção não era tão direta como Watson supunha, pois uma mesma situação pode suscitar diferentes respostas ou até nenhuma reacção, e vice-versa. Estas críticas são estruturais à teoria de Watson.

19. Os psicólogos da forma, ou gestaltistas, estudaram a mente e os seus processos sobretudo no campo da percepção. Tinham como princípio a noção de «gestalt», palavra que define «todo organizado», «forma» ou «estrutura». Para os gestaltistas os seres humanos possuem uma mente que de modo «a priori» organiza como um todo a percepção do mundo, o seu princípio explicativo da mente e dos processos conscientes ligados à percepção são, digamos, holistas, globalistas: primeiro vemos o todo e só depois passamos para a análise dos detalhes num campo perceptivo. Ora, isto era exactamente o oposto dos psicólogos associacionistas como Wundt, que defendiam a ideia de uma decomposição da mente, como se fosse um processo de química mental, para chegar aos elementos mais simples ou básicos. Esta diferença de princípio na investigação da mente é uma crítica que se pode apontar a Wundt.

20. Jean-Piaget desenvolveu uma teoria sobre o desenvolvimento da inteligência a partir de uma relação de construção por estádios ou idades mentais. O seu principal contributo para a psicologia passou por atribuir à criança um estatuto digno de investigação: ele é o pioneiro da psicologia infantil ligada aos problemas da cognição e do desenvolvimento do pensamento infantil. A sua teoria chama-se interacionismo ou simplesmente construtivismo. O sujeito é dinâmico na construção das suas estruturas intelectuais, interagindo com o meio e modificando-se a si próprio em função dessa relação com os estímulos do meio ambiente. A teoria de Piaget dá o seu enfoque à inteligência da criança. Ora, a inteligência é uma forma do indivíduo se adaptar ao meio ambiente, vivendo em harmonia com ele. Segundo Piaget, a adaptação implica dois processos antagónicos mas complementares entre si: a assimilação e a acomodação. A assimilação consiste na integração dos dados exteriores nas estruturas dos sujeitos; por sua vez, a acomodação é a modificação das estruturas do sujeito em função das imposições do meio ambiente. O primeiro processo é uma tendência egocêntrica, que conduziria à alteração do mundo exterior, pondo-o de acordo com o querer do sujeito. Como isso não é possível, e o sujeito só subsiste se adaptado, tem que pôr em acção a tendência inversa, que é modificar-se em função dos imperativos externos. O equilíbrio destes dois processos garante, segundo Piaget, uma adequada adaptação. Piaget considera a existência de quatro factores fundamentais de desenvolvimento intelectual: 1) – A hereditariedade, isto é, a maturação orgânica é o factor básico de toda a evolução, quer ao nível das estruturas músculo-esqueléticas, quer ao nível da própria fisiologia do sistema nervoso, em particular, na cerebralização. 2)- A experiência física, as acções sobre os objectos é que vão originar, depois de interiorizadas, as operações mentais. 3)- A transmissão social, pois é necessário assimilar o que é transmitido por meio da educação; 4)- A equilibração. De acordo com Piaget, os três factores anteriores devem articular-se, de modo a participarem de forma equilibrada no desenvolvimento cognitivo. Pretende-se que em cada fase específica do desenvolvimento do pensamento infantil exista uma tendência para um equilíbrio progressivamente superior. O período sensório-motor, que decorre entre o nascimento até sensivelmente aos 18-24 meses, é a fase da acção, das percepções e dos movimentos, que se organizam em esquemas ou estruturas de reacção ao meio ambiente. Ainda não há operações ou pensamento organizado, mas há inteligência, de âmbito prático, e que se manifesta pela manipulação e uso adequado dos objectos, e não por competências representativas ou simbólicas. A função simbólica é na teoria de Piaget uma capacidade intelectual manifestada pela criança durante o seu período de desenvolvimento, decorre no período crítico do desenvolvimento que Piaget chamou de pré-operatório,

quer dizer, antes do desenvolvimento das operações mentais. A criança desenvolve o seu pensamento, o qual é uma ação interiorizada, e que passa a assumir uma capacidade de simbolização – a criança aprende a representar, isto é, a substituir uma coisa por outra: ao falar, ao brincar ao faz-de-conta, ao desenhar, enfim, ao usar a linguagem, a criança desenvolve todo um simbolismo. A criança representa ações ou objectos através de símbolos e descobre que a linguagem possui uma capacidade mágica de dar nomes e vida às coisas. Assim, uma criança pela função simbólica, descobre que as palavras são símbolos para as coisas, ao desenhar uma roda, dirá que é um carro, no jogo simbólico, a criança dirá que um pau é um cavalo ou um avião a jato, conforme lhe apetercer – o simbolismo liberta na criança o poder da imaginação. Por isso, na função simbólica, a criança fala com os seus brinquedos, ralha à boneca, porque esta se portou mal, improvisa uma floresta, com animais e árvores no seu próprio quarto. A função simbólica permite à criança começar a construir o seu mundo imaginário. Todos estes aspetos revelam como a teoria de Piaget deu à criança um lugar especial e que também influenciaram a própria conceção da escola e a organização das aprendizagens.